



## CHARRENETET CIBERATRAÇÕES: ARTE E ATIVISMO NA CIDADE



Apoio: **FAPEMIG**

Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais<sup>1</sup>

Gastão Frota. UFU  
Beatriz Rauscher . UFU

**RESUMO:** Tendo como fontes: os registros da Ação Charretenet CiberAtrações, de Gastão Frota, [calcado na pesquisa Artes, Mídias e Saberes Livres: processos artísticos colaborativos, uso de ferramentas livres] e as reflexões críticas sobre essa Ação, objeto de análise de Beatriz Rauscher [nos quadros da pesquisa “Poéticas Urbanas Contemporâneas, imagem, ação e contexto” parcialmente publicada no artigo “Pelas bordas: a cidade como território sensível”, este artigo, produzido pelos dois, entrelaça seus conceitos chave de CiberAtrações e Arte Contextual e abre, no cruzamento de reflexões e mundo-de-vidas, por vias de mão dupla, novas trajetórias de leitura entre textos e imagens da ação participativa.

**Palavras-chave:** Arte e Política, Poéticas Urbanas, Arte participativa, local e identidade, inclusão digital, Partilha do Sensível, Ativismo.

**ABSTRACT:** A collaborative hypertext, this paper takes two sources: the video recordings of a Participatory Art work, the Charretenet CiberAtrações (buggy.net), proposed by Gastão Frota [works with collaborative processes using open source/free tools] and a critical analysis on this artwork by Beatriz Rauscher [in the frames of the research "Urban contemporary Poetics, image, action and context" - partially published in the article "From the edges: the city as sensitive territory"]. With their key-concepts of ciberA\_ tractions and Contextual Art, it interweaves ideas and life-world, texts and images, in two-way paths, in order to open roads of participatory action.

**Keywords:** Art and Politics, urban poetry, Participatory Art, sense of place, identity; Digital inclusion” art e activism, E-inclusion, Distribution of the sensible, Nonprofit & Activism.

### Notas introdutórias

Este artigo tem como objeto de reflexão a ação artística Charretenet CiberAtrações idealizada por Gastão Frota a partir do colaborativismo, do uso de ferramentas digitais livres e de contextos culturais da cidade de Uberlândia. Aplicando os princípios do trabalho à escrita, este texto foi feito em colaboração pela dupla de pesquisadores-artistas. Privilegiando a “autodependência” (Goto, 2011, 2) de interesses investigativos, sem tentar unificar os discursos, optamos por deixar perceptível as inflexões próprias da montagem em justaposição de narrativas,

considerando a reflexão resultante *daquele que faz* em relação àquela que considera a *coisa feita* (Valery, 1991, 189).

Seguindo por esse viés, o texto permite vários modos de acesso: o leitor pode enfrentá-lo apenas como artigo, se valendo da intertextualidade própria nessa categoria de escrita [referenciada em Rancière; Bourriaud; Bauman; Haraway; Ardenne; Benjamin; Massumi e outros] ou seguindo diferentes leituras, vazando pelas janelas abertas por links que entremeiam ou permeiam os parágrafos do texto [pílulas da Charretenet; contextualizações à proposições; informações complementares, notas de rodapé eletrônicas]. A proposta é facilitar ao leitor uma navegação própria entre os vários registros em vídeo, abrindo os que lhe interessar ao longo da leitura ou optando por acessá-los como uma lista de reprodução, e/ou ainda em deriva pelos perfis /Charretenet – advertindo entretanto que o trabalho se estilhaça por uma miríade de postagens espalhadas pelos sites do [youtube](#), [gik](#) e [facebook](#). Foi portanto visando aberturas relacionais amigadas ao virtual – ciberAtrativas pois contextualizadoras (e vice-versa) que propomos este artigo hipertextual e híbrido, para, à maneira do Mestre ignorante “desmantelar a fronteira entre os que agem e os que vêem” (RANCIÈRE, 2010b) pois “É verdade que o fluxo é uma via dupla” (Massumi, 2008, p.7). (E como suas intensidades são cambiantes, sugerimos que se deixe carregar em HD, expandindo os vídeos a seu tempo, só pro pixel estalar+.)

### **Desde seu ponto de partida, negociar é preciso: pressupor o outro<sup>ii</sup>.**

Matéria e contexto de diversos projetos de Artes Visuais, Uberlândia - cidade e ideia de cidade - têm sido objeto de iniciativas individuais de artistas e grupos ativistas, para colocar ênfase na (frágil ou mesmo inexistente) política cultural do município. Cidade e cultura em questão, contraditoriamente vinculados a um programa institucional<sup>iii</sup>.

É nos lugares e graças aos lugares, que os desejos se desenvolvem, ganham forma, alimentados pela esperança de realizar-se. “É nos lugares que se forma a experiência humana, que ela se acumula, é compartilhada, e que seu sentido é elaborado, assimilado e negociado (...)” (BAUMAN, 2009, p. 35). Tenso contexto: é

nos quadros deste programa que o projeto “CiberAtrações” (concebido por Frota e assinado com o coletivo MUDI) se inscreveu na categoria “arte ativista” e foi contemplado para participar da edição de 2011, uma edição na qual (sintomaticamente) todos os projetos selecionados tinham o caráter ativista.

#### **Partida entre afetos e ruídos novos**<sup>iv</sup>

O MUDI - Movimento Cultura Uberlândia surgiu da necessidade de resistência urgente da sociedade civil quando vereadores tentaram sorrateiramente passar um código de posturas exigindo alvará para realização de quaisquer eventos na rua. O projeto de lei exigia inicialmente autorizações prévias e até cobrança de taxas, atentando assim contra os direitos dos artistas de rua e de uso lúdico, livre e espontâneo dos espaços públicos por tod@s. A partir desse desafio, nasceu, por via de participação aberta e sem moderação, o grupo de lista de e-mails e encontros presenciais MüDI que em suas múltiplas caligrafias mobilizou-se politicamente com sucesso também contra a destruição do prédio do teatro Grande Otelo e promoveu a realização da Marcha da Liberdade em UDI.

Aqui se opera pelo princípio da cultura livre digital, valendo-se das idéias de arte participativa e formação de massa crítica via ciberespaço e ações multilocais<sup>v</sup>. Nesse contexto propositor, a pesquisa artística se alicerça nas investigações caracterizadas pelo pensamento colaborativo, midiativismo, pelo uso de ferramentas digitais livres e hibridismo técnico.

Esses agenciamentos foram cruciais à formação do colaborativismo que sustenta este projeto, que no contexto mais amplo é instigado pela implementação do Plano Nacional de Cultura e uma aposta na invenção de uma política Da cultura, via formação dos conselhos municipais e engajamentos telúricos.

#### **a Rua é onde as janelas se encontram**<sup>vi</sup>

Processo revitalizante de encontros e fundador de novos canais de conversa entre trabalhadores e amantes locais da cultura, via redes sociais, o Mude revelou-nos um desconhecimento das vivências de seus agentes locais, uns pelos outros, e que esse isolamento tornava-os reféns de uma relação de clientelismo político, acirrado pelo enfezamento e falta de ética da autocrática gestão de Odelmo Leão.

No entanto o que torna a condição política cultural de Uberlândia ainda mais grave e opressiva é o modo de dominação informática das corporações financeiras que exploram a região, financiam campanhas e não mantêm sequer um equipamento cultural que ofereça programações regulares na cidade. A Algar, por exemplo, monopoliza os serviços de banda larga a cabo - dos mais caros do país, assim como o de imprensa escrita, oferecendo em “contrapartida social” projetos de alfabetização e desenvolvimento da leitura com seu próprio e único jornal.

### **Inscrições simbióticas**

Na polarização que se acentua nas cidades, Bauman observa haver dois tipos de cidadãos: aqueles ligados às comunidades globais, e à imensa rede de trocas, abertos a mensagens e experiências que incluem o mundo todo; e aqueles pertencentes as “redes locais fragmentárias, muitas vezes de base étnica, que depositam sua confiança na própria identidade como recurso mais precioso na defesas de seus interesses (...)”(BAUMAN, 2009: p.26). Nesses dois mundos-de-vida segregados, só o segundo é territorialmente circunscrito.

Para Bauman, pessoas desse primeiro grupo não se identificam com o lugar onde moram à medida que seus interesses flutuam em outros locais. Sua cidade “não passa de um lugar como outros e como todos, pequeno e insignificante, quando visto da posição privilegiada do ciberespaço, sua verdadeira – embora virtual – morada” (2009: p.27).



Fig 1- *meio-fia*. Charretenet. Registro da ação artística, Uberlândia MG, 2011. foto: Gastão Frota.

No polo oposto estão aqueles condenados a permanecer no lugar; que estão fora das redes mundiais de comunicação e “espera-se que sua atenção – cheia de insatisfação, sonhos e esperanças – dirija-se inteiramente para as ‘questões locais’” (BAUMAN, 2009, p.28).

*Desejos de consumo e Cultura de origem em tensão*: nas periferias aspectos culturais de matriz rural se encontram absolutamente influenciados pelas mídias e pela cultura urbana. Moradores da cidade periférica, alijados de um sentido de ‘pertencimento’ ao campo ou a cidade, não tem tampouco confiança no estado para prover emprego, saúde e educação. Para eles esvazia-se o significado da cidadania e a divisão do trabalho não é fruto de uma liberdade de escolha, mas de uma falta de opções. Nesse contexto tudo é tomado como provisório. O modelo da superação é a confiança em suas próprias sagacidades e iniciativas individuais, representado pela sociedade cada vez mais privatizada<sup>vii</sup>. Assim, tudo é permeado por um “jogo das forças globais, não controlado e mal compreendido” ( BAUMAN, 2005, p. 51).

### **Em meio a essa primavera cinza, desflorada e mal-amada do amanhã**<sup>viii</sup>

Desejos estapafúrdios passeiam de carro de bois em contraste ao trânsito entubado dos coletivos, das nostalgias viventes aos dispositivos info-técnicos, dos associacionismos Araxás-quilombolas à lógica mercantil generalizada, dos status automobilísticos à prosas transeuntes carroças, da tecnocracia à surpresa em ciberatrapalhos.

### **Os happenigs estão mortos, longa vida à antropofagia Caiapó!**

Hoje inativo, enquanto blog e lista de discussão, o nome e modos operantes do Movimento Cultura Uberlândia foram clonados e partidarizados por grupos de esquerda, de direita e doutros muros. Entrementes como devir libertário ele ressoa acima de nomenclaturas, fugaz como num bloco carnavalesco Sem-palco, descaradamente em marchas públicas de maconheiros e vadias, sedentas e desalojadas como @s Bela-vistas, mutante como nossa ciborgue cocheiro-Silverado-vivo3Gentes.

## **Ciborgue Mambembe**

Em sua concepção, “CiberAtrações”, previa o contato com entidades culturais e de bairros em regiões da periferia da cidade. Objetivo: oferecer a oportunidade de acesso aos meios eletrônicos para produção de conteúdos que seriam veiculados pela internet. Roteiro: a deriva aparece como desejo, prevalece a possibilidade de encontros e bases de acolhida, pois a duração se define como quatro dias consecutivos.

Quando essa máquina de promover encontros casuais (BOURRIAUD) adquire forma, ou se estabelece como formação, são recursos plásticos, relacionais, ferramentas livres e o ativismo político que entram em cena. Postadas chamadas nas listas de discussão dos grupos ativistas da cidade, surgem os colaboradores, os contatos com as entidades de bairro, definição da rota, a produção da “máquina ciborgue” ( central eletrônica móvel de captação e transmissão de informações).

A charrete, incorporada à proposta, é o veículo que dá acesso aos bairros periféricos mas é também objeto plástico e crítico. O veículo de tração animal, chamado também de carroça - sinônimo de atraso, pobreza e de lentidão na cidade dos automóveis - no projeto artístico é determinante para construção dos sentidos.

Cavalo e carroça são enfeitados; uma bandeira é afixada na parte de trás da charrete e faz seu voo como um parangolé dançando ao ritmo do andar do animal. Vários objetos vão sendo incorporados resultando num conjunto colorido e festivo. A adoção desta estratégia determina o nome da proposição artística, um neologismo que mistura os sons próximos de charrete e internet, e que traz a essência das ambigüidades que permearão todo o trabalho.

Da estação ferroviária no Custódio [vídeo 1] partimos para filar um café na ONG Ação Moradia e passamos pelo Dom Almir até a área disputada entre corpos vivos e mortos no Bela-vista, parece poesia, mas é triste realidade. Atravessando a rua está o CEASA, onde em frente negociamos com a mulher das facas imagens, memórias e músicas da Carmem Silva, e dentro trocamos almoço por propaganda do Megabox (feeding-back virtual: vindo a saber posteriormente que o escambo estimulou o filho do dono a estudar informática por puro fascínio, atualizamos que a propaganda só aqui existe, já que de barriga cheia esquecemos de tirar a foto).

Depois na Escola Mun. Gláucia Santos não pudemos filmar o Olhão e a Vovó Caximbó, apesar dos esforços da Profª Dóris e da promessa de não publicar os rostos infantis. Do frustrado veio uma contação de estória apaixonada da arte dessa mestra que nos mostrou também seu atelier de bonecos no Lagoinha. Pernoitando num prédio no Cazeca, a Charretenet aparou toda a grama do playground, enquanto no fb espalhávamos seus rizomas.

Na manhã seguinte a prefeitura pede que retiremos a postagens da vovó, o que foi respondido ao vivo on-line num debate que como tantos se perderam no Livestream. Acoplando Ana Reis, Jack Will e Tabinha passeamos pelo Patrimônio e Tabajaras em busca do samba, encontrando descasos e casos de Raízes, pra sonhar na Casa Verde, logo depois do Escondidinho, outras Casas de Cultura.

No terceiro dia, rumando pra Periferarte, encontro Armando pelo Planalto, enquanto a Charretenet socorre o carro de apoio barganhando conserto por fotos, pra seguir ainda além da Horta do Paulão. Enquanto o 3G vacila, nas Periferartes Farejadores de Forró sampleiam capoeira e Michael Jackson em precisa quadrilha de forró.

Do Canaã poente se alongam três horas de silenciosas lentidões a preparar-nos pra maravilhosa noite violeira do Luizote, que depois exausta pousa acolhida por Cleber, Waltinho, Maria e netinha. Em carinhoso banho de flores a aurora desperta pra realidade biscateira duma manhã de domingo cana crente, hip-hop furo, idos@s, entre açougues e azougues, equilibrismo de abacaxi na cabeça até o fim de feira em frente o sex-shop-vídeolocadora-lan-house Game Net.



Fig.2. Objetos e imagens de escambos ligadas por cabo de internet na Charretenet. Casa de Cultura de Uberlândia, fachada e vista da exposição. Projeto Arte Urbana, 2011.

Tendo atravessado a cidade de leste a oeste de 4 a 8 de agosto, nossos combustíveis de produção, os coletivos Pássaro Preto e Goma fde se despedem. Temperando a deriva, rolaram ainda dois repetecos galopantes da Charretenet, um na cavalgada oficial da cidade, com Danislau Também, e outro com Gastão e Roberto levando embora a Charretinha amputada da exposição ( fig. 2) antes do término da mostra final do Arte Urbana 2011, afinal ela ocupa espaço demais!

**: \_ >xss 🐼 muak !>xss 🐼 muak !>xss 🐼 muak ! eiiita!**

À frente dos componentes bióticos, mesmo com Silverado ( fig.3) encabeçando o empuxo linear pelo monumento labiríntico, está a simbiose cocheira, essa relação Silverado-Roberto - que alastra-se viroticamente nas redes – anima, em sua substancialidade feminina tão congênere à charretenet a existência própria de um design: a transmutar nossos pés em rodas-patas, cabelos em crinas e quadril em ancas. É nas retroações simbióticas de engenharias de rede e fisiologias - a replicar-nos em arreatas, hardwares, chicotes, protocolos, direitos autorais, que configuramos a identidade dessa ciborgue preña e impregnante, nascida de machos e máquinas.

áh, há descrever ... téc:



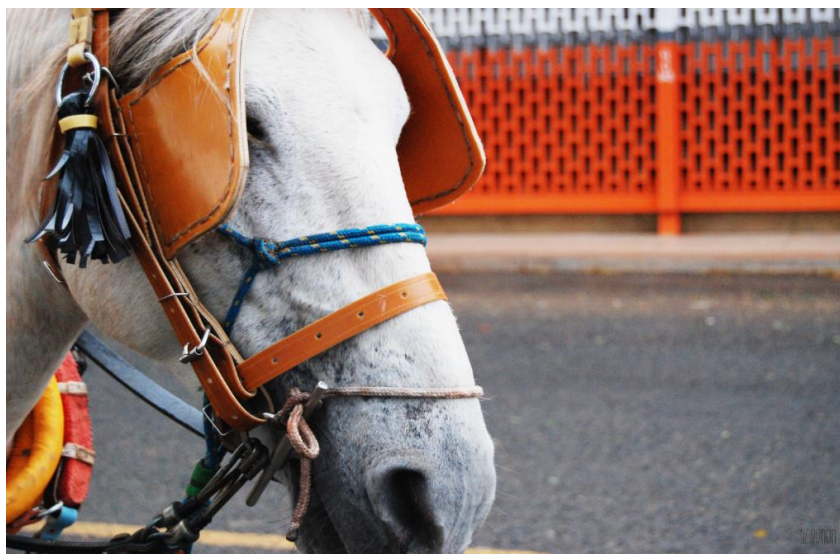


Fig 3- Silverado. Charretenet CiberAtrações . Registro da ação, Uberlândia MG, 2011. foto: Breilla Zanon [cc]

O trabalho tem curso e existência a partir de um conjunto de colaborações e relacionamentos. Para o trânsito pelos bairros, Roberto é o condutor da charrete [Roberto é Silverado é da Charretenet] e assimila com propriedade o propósito da ação artística se apresentando como um interlocutor qualificado no desenvolvimento do projeto.

“O ciborgue aparece como mito precisamente onde a fronteira entre o humano e o animal é transgredida. Longe de assinalar uma barreira entre as pessoas e os outros seres vivos, os ciborgues assinalam um perturbador e prazerosamente estreito acoplamento entre eles” (HARAWAY, 2009, p. 41).

A utilização da charrete adveio de um sonho antigo de Roberto-Silverado, em deixarem o ramo de carga e migrarem para o de entretenimento e casou-nos como uma luva. Somando peças de automóveis que Roberto juntara, com grana do projeto realizamos o primeiro escambo deste projeto com o inventor Edson numa oficina povoada de triciclos e lambretas de fazerem inveja aos cenários de Mad Max.

Foi a partir deste contexto, contraditório em seus termos, contexto urbano local, tencionado ao global, determinante de significativas ambigüidades, que o projeto artístico colocou em evidência aspectos do arcaico-moderno; do atraso-progresso; do local-global; do individual-coletivo; do público-privado; da memória-esquecimento; do trabalho-lazer; da objetividade-subjetividade em uma produção que contou com a colaboração de diversos atores fundamentais para a eficácia político-cultural do trabalho. “Uma política estética define-se sempre por uma certa

remodelação da partilha do sensível, por uma reconfiguração das formas perceptivas existentes” (RANCIERI, 2010a, p.78).



Fig 4- Charretenet CiberAtrações . Registro da ação artística, Uberlândia MG, 2011. foto: Breilla Zanon [cc]

Mas retornando o mambembe em nosso labirinto se escangalha a própria ideia de Arte Tecnológica, um desvario povoado por dois desesperos que não partilhamos: o do trauma do abandono, aparentemente mais forte no passado mas muito mais embrutecedor hoje com a consciência do poder e da omissão da ciência em reverter desigualdades de condições – desde sempre motivadas pela ideologia elitista de que a Arte seja um luxo estabilizador desse capital excedente que é o tempo livre; e o de um possível futuro quase sem Arte – assombrado pela fantasia – individualista - de uma desmaterialização absolutista, no qual os fantasmas, instância nAtiva da subjetividade no sujeito, agora como que sem conchas<sup>ix</sup> pairariam *Deus ex-machina*, mas ainda dotados de uma essência “puramente” anímica - que não cansa de reaparecer, agora como figura virtual, já que estar em carne é uma desvantagem no império das caprichosas necessidades tecnológicas de todos os mundos possíveis.

A cidade é desses espaços da realidade sobre os quais os projetos artísticos-contextuais se produzem. É o espaço público; lugar de trocas e de encontros: da

arte com o público, do artista com o outro, em termos de uma proximidade que pode tomar diversas formas, às vezes afetiva, outras vezes, polêmica (Ardenne, 2009). A charrete une realidade-identidade para levar a uma imersão nos lugares-comunidade onde se produz a cultura-do-lugar e observar e transmitir de modo não hierárquico, a sua diversidade. Os recursos do sensível, sobre esse cenário, colaboram na construção do lugar, justo a partir desse lugar-singular, que é do cidadão e também do artista.

### **Quer dizer que existem infinitos eus nesse negócio?\***

Já o que interessa aqui às trações de nosso ciborgue, criatura de realidade social mas também de ficção (HARAWAY), é que essas desesperanças aparecem como sintomas de uma falta estrutural de consistência valorativa da práxis no âmbito da formação, fruto da inconstância de investimento social na Educação, simbolizado magnamente pela displicência para com a especificidade do campo da Arte\* (KD o pacto da educação?). A contrastar com o deslize a Charretenet trota, entre o conexo e o desconectado, abrindo espaço para manobras crítico-estéticas radicais, enlaçando contrastes em devenir de infinita refração luminosa: a clara razoabilidade da lógica e do ideal igualitário. Mas voltemos às questões de direitos e devires, posto aqui não haver deveres outros que o dessa razoabilidade desarrazoada.

“A lição emancipadora do artista (...) é que cada um de nós é artista na medida em que adota dois procedimentos: não se contentar em ser homem de um ofício, mas pretender fazer de todo trabalho um meio de expressão; não se contentar em sentir, mas buscar partilhá-lo. O artista tem necessidade de igualdade (...) ele esboça, assim, o modelo de uma sociedade razoável” (RANCIÈRE, 2010c, p.104).

Se a partilha do sensível dá consistência à imanência potencial ao permitir uma reformulação das relações estabelecidas entre ver, fazer e falar, podemos dizer que Rancière concorda com Bauman na medida em que ambos frisam sobre a necessidade de extrapolar a especialização excessiva do sujeito em seus nichos sociais e profissionais.

A medida que a Arte transvaloriza interfaces, liturgias e ritos improvisados, preenchendo com brechas e fendas a fantasia de pureza oca, é ela que cria os laços que sustentam qualquer comunidade.

Enquanto “o universo material, em seu conjunto, deixa na espera nossa consciência, ele próprio espera (...esquecido q). Ele é da alçada da intuição por tudo aquilo que contem de mudança e de movimento reais” (BERGSON, 2006, p. 30).

### Montagem bicho - criação em máquina

Mercados e feiras livres; diante de bares, armazéns populares, clubes de dança e de cultura afro, casa da cultura, locadora de vídeo. Tião e Dudu, rock e rap; violeiros; samba cantado e dançado; a percussão do Mulundu do Cerrado; duelos de MCs na praça ao som de música norte americana; manifestações de diversidade sexual; depoimentos sobre o passado da cidade. caldo cultural . Artistas e colaboradores dividem as operações dos equipamentos de gravação de imagens e sons, todos portáteis e de uso não profissional; outras vezes, a captação das imagens fica a cargo dos próprios moradores das comunidades, que rapidamente se mostram familiarizados com tudo: se organizam em pequenos espetáculos de dança, percussão, música sertaneja ou hip-hop, fotografam e filmam, exigem serem filmados ( W. Benjamin) querem se ver reproduzidos, veiculados na rede, nas redes.

Depois de estrear como fotógrafo, Lorrان teve seu peso e imagens somados ao de Dudu, Paulista e da Charretenet. Pesado os dados, frente à potência do Silverado e o ineditismo da canção, Alberto concluiu que ele “tem futuro como fotógrafo”. No balanço geral, incorporado então ao “bicho mexe”, montado a pêlo na internet, Lorrان se tornará o peso-pluma flutuante que fará toda a diferença no clip da toada ativista “doce perigo”, ao som da dupla Dudu e Paulista e cachorros, com vocês em primeira mão, “Bicho Mexe”.



Fig.5 . Charretenet CiberAtrações . Registro da ação artística, Uberlândia MG, 2011.foto: Lorrán

**À título de não-conclusão: romper as fronteiras e a “lógica do embrutecimento”.**

Charrete, ciborgue, palco móvel, estação digital. Em quatro dias, chamou a atenção o ritmo lento de seu deslocamento e uso de um anacrônico megafone: manifestações culturais e críticas às políticas públicas. “Estamos todos dentro. Mas podemos estar dentro e contra” disse Pablo Ortellado. Para ele não há um dentro e um fora enquanto estivermos vivendo nessa sociedade. Podemos pertencer a esse mundo e aspirar à sua superação (KUNSCH, 2008).

"Você não corre intencionalmente através do mundo porque você acredita nele. O Mundo, surpreendentemente, já corre através de você; e isto realmente sentido é sua crença nele" (MASSUMI, 2011)

Bauman explica que a característica da vida urbana contemporânea consiste na “estreita interação entre as pressões globalizantes e o modo como as identidades locais são negociadas, modeladas e remodeladas” (2009, p.29). Para ele não há separação entre o espaço “extraterritorial”, abstrato dos operadores globais daquele espaço tangível “aqui e agora”.

A Charretenet ao oferecer, mesmo que temporariamente a experiência de coabitar praça, rua e rede, nos permite pensar na questão empírica e prática, mas

questionando a proveniência dos discursos. Nos fez entender que assim como os encontros presenciais são determinantes na proposta do projeto, seu caráter de interação é absolutamente dependente da participação que a precede, e porque não pensar que na arte brasileira, participação é mais que interação? Daí relaciona-se este fazer e partilha do sensível, via contexto de encontros ...: teoria/prática, inclusão digital/ (empowerment ) de redes locais , local/global, animal/máquina.

O cavalo é um músculo mágico, ao contrário do carro de bois, essa ossatura que range ao seguir as crianças a sua frente, nele se trepa montando sua transa como suas tranças são signos por excelência de um acoplamento viril, daí Danislaui dizer que o cavalo é sempre feminino, como ideal de beleza masculino. Quanto ao feed-back deles no entanto, somos bem ignorantes. A maioria dos cidadãos agem com os animais como com a informática, só que do cavalo tememos o coice, esse rechicotear do passado como punição à nossa brutal estupidez com o ambiental natural, e da informática que uma inteligência insensível venha a se servir plenamente de nossas vontades.

LISTA DE REPRODUÇÃO CiberAtrações Charretenet, 9 vídeos, duração 33:44.

## NOTAS

<sup>i</sup> Trabalho apresentado com o apoio da agência de fomento FAPEMIG ( Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais ) na ocasião do 22º. Encontro Nacional da Associação dos Pesquisadores em Artes Plásticas em Belém, Pará.

<sup>ii</sup> de Duchamp citado por Bourriaud (2009, p.37).

<sup>iii</sup> O projeto Arte Móvel Urbana, é objeto de Edital de Concorrência pública e fomenta, com recursos, trabalhos de arte urbana, via Secretaria Municipal de Cultura. Em seus quatro anos de existência tornou-se um interessante campo de tensões entre artistas e a administração pública.

<sup>iv</sup> do poema Partida de Rimbaud

<sup>v</sup> “Charretenet – cyberatrações” objeto desse artigo é uma das ações resultantes da pesquisa artística de Frota, intitulada “Artes mídias e Saberes Livres”, inspirada também pelo coletivo Estilingue de BH.

<sup>vi</sup> do poema de José Frota

<sup>vii</sup> A disputa pela área continua, a mídia diz que grupo-sem-teto-invade-area-do-novo-cemiterio (mas não que ele seria privado e feito em local de bacia hidrográfica se viesse a existir). Aos novos ocupantes, e ao MUTP, desejamos sucesso e água, não da mídia, mas do poço!

<sup>viii</sup> poema de Rodrigo Semfim

<sup>ix</sup> Ghost in the shell . Disponível em <http://www.asia.cinedie.com/gits.htm>

<sup>x</sup> de Vovó Caximbó.

---

**REFERENCIAS:**

ARDENNE, Paul. **Un art contextuel**. Création artistique en milieu urbain, en situation, d'intervention, de participation. Paris : Flammarion, 2004

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. ( tradução: Eliana Aguiar) Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Entrevista a Benedetto Vecchi ( tradução: Carlos Alberto Medeiros ) Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BERGSON, Henri. **O Pensamento e o Movente**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaio sobre literatura e história da cultura. (Tradução: Sergio Paulo Rouanet) São Paulo: Brasiliense, 1985. ( Obras escolhidas; v.1)

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional** ( Tradução: Denise Bottmann) São Paulo : Martins Fontes, 2009.

HARAWAY, Donna (tradução Tomaz Tadeu). **Manifesto Ciborgue in Antropologia do ciborgue**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

KUNSCH, Graziela. **Urbânia 3**. São Paulo: Editora Pressa, 2008

MASSUMI, Brian. **Semblance and Event: Activist Philosophy and the Occurrent Arts** (Technologies of Lived Abstraction). MIT Press, 2011.

MASSUMI, Brian. The Thinking-Feeling of What Happens. Disponível em <http://www.senselab.ca/inflexions/pdf/Massumi.pdf>. Acessado em maio de 2013.

RANCIÈRE, Jacques. **Estética e Política**. A partilha do sensível. ( entrevista e glossário por Gabriel Rockhill; tradução Vanessa Brito). Porto: Dafne Editora, 2010a.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado** ( tradução José Miranda Justo) Lisboa: Orfeu Negro, 2010b.

RANCIÈRE, Jacques. **O Mestre Ignorante**. Cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica 2010c.

VALÉRY, Paul. **Variedades**. ( tradução Maiza Martins de Siqueira) São Paulo: Iluminuras, 1991.

Hiperlinks textuais no corpo do texto:

<http://issuu.com/fbaul/docs/gama1>

<http://newtongoto.wordpress.com/tag/circuitos-artisticos-autodependentes/>

<http://movimentoculturaudi.blogspot.com.br/>

<http://marchadaliberdadeudi.blogspot.com.br/>

---

**Gastão Frota** (Gastão da Cunha Frota), [gastaofrota@yahoo.com.br](mailto:gastaofrota@yahoo.com.br)

Artista contextual e colaborativista. Atualmente leciona no curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia onde reside. Crescido em BH, formou-se entre Minas e Rio de Janeiro nas Escolas Guignard e Belas Artes, na PUC e Festivais de Inverno da UFMG, e na EAV do Parque Laje no Rio; tendo lecionado nessas mesmas instituições e junto à Pop. de Rua. É mestre em Fine Arts com concentração em New Forms pelo Pratt Institute via bolsa Apartes da CAPES.

**Beatriz Rauscher** (Beatriz Basile da Silva Rauscher) [biarauscher@terra.com.br](mailto:biarauscher@terra.com.br)

Artista, professora do Programa de Pós-Graduação em Artes e do Curso de Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia (UFU - MG), doutora em Poéticas Visuais (UFRGS - RS). Foi bolsista de Estágio de Doutorado na UFR Cinéma et Audiovisuel de l'Université Paris III Sorbonne Nouvelle. É líder do Grupo de pesquisa Poéticas da Imagem da UFU - MG. Atua principalmente nos seguintes temas: imagem, fotografia nos processos artísticos e poéticas urbanas.